

Território e lugar nas representações do Sertão da Ressaca, Bahia, Brasil

Geisa Flores Mendes*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

Maria Geralda de Almeida**

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Resumo: O propósito deste artigo é buscar uma aproximação entre os conceitos de território, lugar, memória e representações numa abordagem que utiliza o sertão, mais especificamente o Sertão da Ressaca, Bahia, como referência espacial e simbólica para pensar as relações de pertencimento que permeiam este território marcado por múltiplas representações.

Palavras-chave: *território, lugar, memória, representações, sertão*

Territorio y localización en las representaciones del Sertão de la Ressaca, Bahía, Brasil

Resumen: La intención de este artículo es buscar una aproximación entre los conceptos de territorio, localización, memoria y representación con un enfoque que utiliza el Sertón, y más específicamente el Sertão de la Ressaca, Bahía, como referencia espacial y simbólica para pensar en las relaciones de pertenencia que atraviesan este territorio marcado por múltiples representaciones.

Palabras clave: *territorio, localización, memoria, representaciones, sertón*

Territory and place in the representations of the undertow backwoods, Bahia, Brazil

Abstract: The aim of this article is to search for proximity among the concepts of territory, place and memory and representations of through an approach that uses the drought land, and specifically the Undertow Backwoods, Bahia, as a space and symbolic reference in order to think of the relationships of belonging that pass through this territory marked by multiple representations.

Keywords: *territory, place, memory, representations, backwoods.*

Recibido: 05 de noviembre de 2007. **Aprobado:** 17 de noviembre de 2007.

* geisauesb@yahoo.com.br

** mgdealmeida@gmail.com

Território e lugar nas representações do Sertão da Ressaca, Bahia, Brasil

Contornos iniciais

Neste artigo procura-se a aproximação teórica entre os conceitos de *território*, *lugar*, *memória* e *representações* numa abordagem do *sertão*. Para tanto, toma-se como referência empírica o Sertão da Ressaca, território genericamente correspondente à região baiana estruturada em torno da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil¹.

A discussão em torno destes referenciais teórico-conceituais tem permeado alguns debates interdisciplinares; assim vem se configurando, cada vez mais, uma perspectiva instigante, desafiadora e rica de possibilidades. No âmbito da ciência geográfica, os conceitos de *memória* e *representações sociais* ainda permanecem pouco discutidos. Entende-se, que esta aproximação, especialmente na discussão do *sertão*, acena a possibilidade de um diálogo interdisciplinar, mantendo-se a peculiaridade do olhar geográfico. Parafraseando Gomes (2002, 8), reafirma-se aqui a intenção de somar, e não a de substituir.

Geógrafos, com perspectivas de análises diversas, já explicitaram que tanto a memória quanto as representações estão impregnadas de “signos” e referentes geográficos. Para Holzer, “qualquer trabalho que se refira à espacialidade humana deve referir-se à memória” (2000, 111). Na expressão de Corrêa, “o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais

diversas dimensões” (1997, 294). No dizer de Almeida (2003), através do conhecimento das representações é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres. Acredita-se, portanto, que o campo da memória e das representações possibilita um olhar multifacetado, proporcionando a percepção de vertentes ainda pouco exploradas e muito ricas de significados no que concerne ao espaço geográfico. Pode-se afirmar, diante desses supostos e, concordando com Sousa Neto (2000), que boa parte dos símbolos de uma identidade nacional está eivados de geograficidade.

Memória e representações, deste modo, estão intrinsecamente associadas ao processo de produção socioespacial. As memórias e representações que aqui nos interessam são aquelas sobre o (e em torno do) *sertão* e suas territorialidades. Inicialmente um *sertão* delimitado histórica e geograficamente: território marcado por relações de poder a partir de uma geografia fundadora do colonizador, assumindo assim uma denominação específica: Sertão da Ressaca. Posteriormente, um território diluído na denominação abrangente de *sertão*, composto por diferentes lugares que se identificam e são identificados de maneira diversa com a noção de *sertão*. Fragmenta-se, deste modo, um território unificado por relações de poder e pertencimento, que possibilita o surgimento de lugares com suas especificidades, suas singularidades.

Referencial teórico conceitual

O arcabouço teórico conceitual deste trabalho pauta-se, principalmente, em autores que se preocuparam e que vem se debruçando sobre questões pertinentes à temática aqui apresentada. Assim, em relação aos conceitos geográficos, utilizamos o suporte teórico encontrado principalmente em Carlos (1996), Castro (1992,

¹ Este território corresponde, grosso modo, a um recorte regional intra-estadual inserido no grande semi-árido baiano, região esta objeto de várias regionalizações oficiais, tais como: Regionalização econômica; instituída pela SEI-SEPLANTEC-BA, denominada Sudoeste da Bahia; Regionalização em micro-regiões geográficas, IBGE/1991. Região de Vitória da Conquista, IBGE, que por sua vez já representa uma revisão das micro-regiões homogêneas 1967/IBGE e ainda Planalto da Conquista.

1997), Claval (1999, 2002), Corrêa (1994, 1997), Cosgrove (1998, 1999), Haesbaert (2002, 2004), Moraes (2005), Souza (1995, 2001), Santos (1994, 1996, 1997), dentre outros. No que diz respeito à *memória*, apoiamos-nos especialmente em Halbwachs (1990), Pollak (1989, 1992) e Fentress e Wickham (1992). Em Chartier (1990), Bourdieu (1989), Jodelet (1991) e outros, encontramos o referencial teórico norteador para a compreensão do papel dos elementos que engendram representações, bem como a percepção das estratégias de mobilização simbólica que se instituem a todo instante em nossa sociedade. Na discussão específica do sertão, contribuições fundamentais foram encontradas em Amado (1995), Almeida (2003), Arruda (2000), Bolle (2004), Lima (1999) e Rodrigues (2001), dentre outros.

Na adoção destas categorias de análise, os sertões podem ser identificados não apenas como territórios e lugares demarcados geograficamente, mas também como investimentos simbólicos que, dependendo dos grupos sociais e períodos históricos, oscilam quanto ao seu significado. A partir desta compreensão, configura-se a possibilidade de não fragmentação entre uma realidade objetiva: um território delimitado historicamente e espacialmente, e uma realidade subjetiva, simbólica, presente na memória e evidenciada nas representações dos lugares como espaços vividos, dotados de um sentido ou, melhor, múltiplos sentidos.

Breves considerações metodológicas da pesquisa

Considerando o seu arcabouço teórico-conceitual, a pesquisa encontra-se alicerçada, principalmente, nas categorias *território*, *lugar*, *memória* e *representações sociais*. Empiricamente, se delinea em torno do território histórico e geograficamente considerado como Sertão da Ressaca, localizado na região que, na atualidade,

tem como principal centro de referência a cidade de Vitória da Conquista, Bahia.

Quanto ao recorte histórico geográfico apontado, convém destacar que um jogo de escalas se materializa haja vista que ainda que traços sertanejos se concretizem nessa realidade, a diversidade do sertão em geral, e particularmente da área enfocada, é significativa. Nesse sentido, a heterogeneidade dos lugares que compõem este espaço-território contemporaneamente aponta para relações diferenciadas com a noção de sertão o que fundamenta uma questão central: deste território fundador, que lugares seriam ainda considerados “sertão” na memória e nas representações sociais de seus moradores?

Como estratégia metodológica, parte-se desse recorte empírico buscando responder questões como: de que maneira se configura este território atualmente? Os lugares que o constituem se identificam de igual modo com a idéia de sertão? Essa identificação apresenta especificidades nos lugares urbanos e rurais? As cidades, à medida que se desenvolvem, que saem do isolamento e precariedade das vias de circulação e dos meios de comunicação deixam de ser ou estar no sertão? As fronteiras deste território se deslocam ou o que se desloca é o sentido atribuído ao sertão? Como se constituem os sentidos aí, como se formulam e transitam na memória e nas representações do sertão?

Os seguintes procedimentos metodológicos estabeleceram-se na implantação desta proposta: construção de *Grade de observação direta* buscando um melhor aproveitamento dos aspectos observados nos lugares selecionados para a pesquisa direta; análise dos discursos e imagens produzidas e veiculadas em publicações oficiais do Governo da Bahia acerca deste espaço sertão e textos jornalísticos locais buscando extrair dos discursos como foi tematizado, em diferentes períodos, este espaço sertão; realização de questionários e entrevistas semi-estruturadas; visita a museus ou espaços específicos de manutenção e consagração da imagem do sertão.

Considerando a diversidade de fontes utilizadas e partindo do princípio de que tanto as fontes orais como as escritas são mediadas por uma série de processos histórico-sociais e que, portanto, se organizam e se manifestam numa multiplicidade de linguagens, um suporte metodológico que possibilitasse a compreensão dos sentidos do que se expressa nos discursos tornou-se indispensável. A partir desta perspectiva, encontramos nos pressupostos da *análise do discurso* elementos fundamentais para uma melhor compreensão do nosso objeto.

Convém assinalar que, na articulação entre o referencial teórico proposto e a metodologia apontada, é necessária uma abordagem multidisciplinar. Este aspecto, presente na concepção deste trabalho, já tem sido ressaltado por muitos geógrafos; por exemplo Haesbaert (1997, 46), que evidencia: “Partir do espaço em sua complexidade é, ao nosso ver, a única saída plausível para a compreensão da Geografia contemporânea. Para isso, uma abordagem multi (ou trans) disciplinar, reclamada muito tempo por geógrafos como Milton Santos (1978), torna-se indispensável”. A busca de fontes teórico-conceituais de outras áreas do conhecimento tem possibilitado um enriquecimento na análise da produção das representações dos territórios, das territorialidades, dos lugares e todas as complexidades que envolvem esta produção.

As representações na configuração socioespacial

A Geografia, desde a sua sistematização, passou por algumas fases que, conforme Moreira (2006), podem ser sintetizadas em três: a fase da ciência da descrição da paisagem, marcando seu período histórico inicial; a da ciência da relação homem-meio, característica de um período intermediário; e, mais recentemente, a fase da ciência da organização espacial das sociedades, que busca compreender os processos envolvidos

na produção do espaço. No que concerne às representações sociais deste espaço, responsáveis também por sua produção, os estudos continuam ainda esparsos no âmbito da geografia brasileira. Conforme enfatizado por Moraes (2005), a temática das representações espaciais, ou do que ele denominou de “consciência do espaço”, tem sido ainda pouco explorada no Brasil. Diante dessa condição, o autor chama atenção para o fato de que “apesar de os imperativos territoriais cumprirem um importante papel em nossa formação, a discussão brasileira acerca das relações entre política e cultura não tem apontado o suficiente para as representações e discursos referentes ao território” (2005, 11).

Os temas geográficos evidenciam-se em vários e diversificados contextos discursivos. Esses contextos sedimentam certas visões e valores que produzem uma mentalidade acerca de seus temas e configuram um horizonte espacial coletivo. Este conceito, apresentado por Moraes (2005), revela-se útil na abordagem aqui desenvolvida, pois para o autor os horizontes espaciais coletivos emergem em diferentes contextos discursivos: na imprensa, na literatura, no pensamento político, na ensaística, na pesquisa científica etc. Enfim, é necessário compreender que todo este processo por que passa a configuração de um horizonte espacial coletivo ou a consolidação de dadas representações espaciais são determinados historicamente e acabam por moldar e direcionar as ações humanas, dando sentido às suas práticas sociais. Entretanto, a configuração destas representações não ocorre sem conflitos e contradições. Essa compreensão é também enfatizada por outros autores; por exemplo Gomes, que destaca: “Especulativa ou cientificamente, das disputas primitivas às mais ‘quimicamente’ sofisticadas guerras frias – [...] – são construídos arcabouços que forjarão as conseqüentes representações do mundo” (2001, 52).

Na análise de questões como consciência do espaço, política, cultura, território e identidade na formação brasileira, Moraes (2005)

apresenta e discute também o conceito de ideologias geográficas. Não é nosso objetivo, no momento, aprofundar a questão do conceito de ideologia, mas associar as ideologias geográficas à memória e às representações sociais construídas acerca de um dado espaço: no caso específico deste trabalho o sertão. Le Bossé (2004), ao estabelecer um elo entre construção territorial e ideologias espaciais, utiliza-se do conceito de ideologias identitárias. Segundo este geógrafo é de fundamental importância o interesse “pela criação e pela difusão de ideologias identitárias que repousam sobre bases ou fatores geográficos” (2004, 175). Acrescenta que o “(...) imaginário social e cultural está impregnado de “signos” geográficos mais ou menos sofisticados, compreendendo todas as espécies de representações de lugares e de espaços, que se articulam de maneira mais ou menos fiel, coerente e eficaz nos discursos identitários” (2004, 178). Nessa discussão, os autores mencionados percebem as ideologias e reconhecem seu caráter constitutivo da sociedade. Ao discutir a relação entre a ciência geográfica e a construção material e simbólica do mundo moderno, Sousa Neto (2000, 09) salienta que “(...) a Geografia foi responsável pela elaboração de diversas imagens do mundo, ao mesmo tempo em que se utilizou dessa ciência para a construção material desse mesmo mundo”.

Estas ponderações estabelecem o imperativo de se buscar compreender as motivações envolvidas na produção do espaço. Subjacente a esses supostos, torna-se imprescindível, por sua vez, considerar as tessituras espaciais como construções vinculadas também aos movimentos da memória e das representações. Estas construções, a partir de uma complexa articulação de forças e interesses sociais, estão envolvidas em tramas de lembranças e esquecimentos em que sujeitos historicamente situados criam e recriam, reafirmam e ressignificam suas concepções, tradições e os “sentidos” atribuídos ao espaço, ao território, ao lugar.

Memória, representações, território e lugar

O espaço como categoria central da geografia amalgama todas as outras categorias geográficas. Aqui é entendido como produzido e atrelado à sociedade. Claval afirma que o espaço “combina la matéria, lo vivo y lo social (...) son realidades dadas simultaneamente. Tienen un sentido para los seres humanos que las habitan (...)” (2002, 34). A concepção aqui assumida é considerar que não há espaço geográfico sem uma sociedade que historicamente o produza, tanto no que concerne ao seu sentido material quanto simbólico. É, portanto, uma categoria que, de modo geral, emerge nas mais variadas formas de conhecimento, assumindo papel relevante na ciência geográfica e que prescinde a qualquer que seja a análise com esta orientação. Assim sendo, esta categoria se faz presente no nosso trabalho, ao lado de território e lugar.

Tanto o lugar quanto o território vem apresentando diferentes acepções nas análises geográficas. De início, demarcamos que concebemos o território como “envolvendo, ao mesmo tempo, a dimensão espacial material das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o ‘imaginário geográfico’ que não apenas move como integra ou é parte indissociável destas relações” (Haesbaert 2004, 42). O lugar, por sua vez, é aqui compreendido como “produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos (...) a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida” (Carlos 1996, 28).

Estas compreensões, em nossa avaliação, estão em plena consonância com os atos de recordar e representar que se encontram, por sua vez, em intensa simbiose. Nesta perspectiva, a memória social e as representações se constituem em importantes conceitos de análise na

compreensão da produção e configuração de territórios e lugares.

O sertão: entre a identidade e as representações

A discussão que envolve território, lugar, memória e representações permite compreender um discurso enunciado acerca do sertão. Na análise de diferentes fontes locais consultadas, o sertão emerge de maneira significativa. No que concerne às instituições de formação de professores, por exemplo, os discursos que as proclamam como instrumentos de redenção dos sertões são marcantes. A representação do sertão ainda no início do século XX, como ignaro, bruto, responsabilizado pela falta de progresso do país era muito presente. Para tentar resolver o problema do atraso foi missão destas escolas normais formar professoras sertanejas com o intuito de letrar os sertões, inserindo o sertanejo numa sociedade voltada para o progresso e a civilização.

Nesta perspectiva, Moraes (2002-2003, 16) ressalta que “o sertão é sempre um espaço-alvo de projetos. Enfim, o sertão é qualificado para ser superado (...). Impor um domínio efetivo ou uma nova dominação ao espaço em pauta é o objetivo de um processo que tem na apropriação simbólica um passo inicial”. Assim, na abordagem do autor “ultrapassar a condição sertaneja é a meta implícita dos discursos que buscam levantar e explicar a sua essência”.

Abordando esta temática na perspectiva de leituras culturais da Geografia, Almeida (2003) desenvolve uma análise buscando no poético o sertão-sertanejo enquanto paisagem e identidade. Ao tratar das representações do sertão a autora apresenta uma visão elaborada pelos “de fora” e resgata os sertões enquanto lugar, espaço de experiência e vivência dos sertanejos, os “de dentro”. Utilizando a categoria representações em sua análise, Almeida destaca que, no processo de sua adoção, “abriu-se uma via de estudos,

pela inclusão do imaginário no trato dos objetos geográficos” (2003, 73). Assim é que a apreensão dos vínculos entre o território e as redes de memória, bem como as representações que os constituem se configura de extrema importância para o olhar geográfico.

Vitória da Conquista, como emblema do território do Sertão da Ressaca foi historicamente proclamada nos discursos como uma cidade sertaneja e é reconhecida como tal. Esta identificação é evidenciada com muita ênfase em diversas construções discursivas, ritos, práticas sociais e no próprio Hino da cidade: “Conquista, jóia do *sertão* baiano/ Ó pérola fulgente do *sertão*/ Minha querida terra *sertaneja*...” As constantes evocações ao sertão continuam reverberando, produzindo sentidos, territorialidades.

Não se pode perder de vista que o “sertão-espaço não existe em si mesmo, mas unicamente através de um conjunto de efeitos ou de interações que ele engendra” (Almeida 2003, 74). Acreditamos que as idéias evocadas continuamente acerca deste sertão tiveram o efeito de um discurso fundador², pois se constituíram em enunciados que ecoaram e reverberaram, ressoando em muitos outros discursos. Abordando o discurso fundador, Orlandi (1993, 16) ressalta que este tipo de discurso “busca a notoriedade e a possibilidade de criar um lugar na história, um lugar particular. Lugar que rompe no fio da história para reorganizar os gestos de interpretação”.

A irrupção de um discurso fundador instaura e sustenta sentidos, ressoando até que se

² Expressão utilizada por Orlandi para designar enunciados que ecoam e reverberam efeitos de nossa história em nosso dia-a-dia, na reconstrução cotidiana dos laços sociais e identidade. Para Orlandi, os discursos fundadores são aqueles que “vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido: diga ao povo que eu fico, quem for brasileiro siga-me, *libertas quae seta tamen*, independência ou morte, em se plantando tudo dá etc” (Orlandi 1993, 12).

produza um deslocamento. Orlandi (1993, 12) destaca a esse respeito que “não são os enunciados empíricos, são suas imagens enunciativas que funcionam. O que vale é a versão que ‘ficou’”. Analisando discursos fundadores e a relação com o imaginário na construção do país, a autora ressalta: “E aí está a marca –discursiva, não conteudística– do discurso fundador: a construção do imaginário necessário para dar uma ‘cara’ a um país em formação; para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico” (1993, 17). Nesta perspectiva, o que se proclamou acerca do sertão imprimiu a este espaço uma fisionomia singular, impregnada de peculiaridades.

No que concerne a configurações de representações, não todos pensam e agem da mesma maneira. Mesmo numa aparente homogeneidade, as resistências às representações dominantes se processam e, é na própria repetição das representações instauradas que, muitas vezes, a representação cristalizada cede lugar às resistências e rupturas.

Considerações Finais

Considerando os elementos abordados ao longo dessa discussão, acreditamos que é como membros de diversos grupos que nós nos representamos e construímos representações de objetos, territórios, instituições ou fatos. Desde esta ótica, as representações não podem ser entendidas fora de uma dimensão de alteridade, de uma teia de relações entre os indivíduos na sociedade da qual fazem parte.

Para fins de conclusão é importante destacar que as representações estão intimamente associadas a símbolos e que a criação de símbolos não é arbitrária. Existe, portanto, no mundo das idéias, dos discursos e dos ritos, todo um processo de mobilização simbólica que revela a visão de mundo em determinado momento. Na medida em que essas idéias materializadas em

discursos, símbolos e ritos alcançam uma eficácia social, elas contribuem para a configuração de determinadas representações geográficas.

A pluralidade é marcante nas representações do sertão. O sertão é, assim, lugar e território. Os seus sentidos não se enquadram em singularidades, antes são traspassados por uma multiplicidade de representações que por sua vez vão gerar uma pluralidade de olhares.

A identidade cultural dá sentido ao território. A vivência e experiência produzem um sentido do lugar. Partindo desta compreensão é inevitável a conclusão de que muitos laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, com o território. Todavia, os significados desses laços não são marcados pela unicidade, mas pela multiplicidade de percepções. Considerando o sertão como portador de sentidos e significados que lhe são atribuídos de acordo com determinadas vivências e experiências, ou ainda a partir de discursos instituídos, pode-se considerá-lo ora como lugar, ora como território.

Partindo desta compreensão concorda-se com Massey (2000) quando argumenta que não existe uma identidade coesa com o lugar, mas identidades múltiplas. Assim, as identificações e os sentidos atribuídos aos lugares e aos territórios são também múltiplos, diversos. É possível concluir que os sentidos para os lugares, para os territórios com os quais podemos nos identificar, estão sendo constantemente (re)elaborados. Estão, portanto, sempre em curso. Esse entendimento explica a multiplicidade de representações acerca do território enfocado.

Estabelece-se aqui o posicionamento de que sertão é, dialeticamente, um espaço que significa e que é significado. Os sentidos do sertão são a amálgama de experiências sociais variadas, muitas vezes, e quase sempre contraditórias, ambíguas e antagônicas. Esses sentidos, portanto, só podem ser compreendidos na perspectiva de uma lógica dialética, pois como ressalta Lefebvre, “só é real aquilo que apresenta contradições, aquilo que se apresenta como unidade

de contradições”. Nessa perspectiva, “a contradição dialética não é apenas contradição externa (exterioridade dos termos contraditórios), mas unidade das contradições” (1995, 192).

Diante da polarização das opiniões e da variedade de abordagens na discussão do sertão, o pressuposto adotado neste trabalho admite a necessidade de romper com os dualismos invariavelmente presentes na idéia de sertão, considerando dialeticamente os elementos que engendram essas concepções.

Referências

- Almeida, M. G. de. 2003. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. Em Almeida, M. G. de e Ratts, A.J. P. (Comp.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa.
- Amado, J. 1995. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos. Cpdoc/FGV* 8 15: 145-151.
- Arruda, G. 2000. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC.
- Bolle, W. 2004. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades.
- Bourdieu, P. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Carlos, A. F. A. 1996. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec.
- Castro, I. E. de. 1992. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- Castro, I. E. de. 1997. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. Em Castro, I. E. de; Gomes, P. C. da C.; Corrêa, R. L. (Comp.), *Explorações Geográficas: percursos no fim de século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Chartier, R. 1990. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel Bertrand Brasil.
- Claval, P. 1999. A geografia cultural: o estado da arte. Em Rosendahl, Z., Corrêa, R. L. (Comp.), *Manifestações da cultura do espaço*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Claval, P. 2002. El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles* 34. <http://age.ieg.csic.es/boletin.htm#34>.
- Corrêa, R. L. 1994. Territorialidade e corporação: um exemplo. Em Santos, M., Souza, M. A., Silveira, M. L. (Comp.), *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec.
- Corrêa, R. L. 1997. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Cosgrove, D. 1998. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens urbanas. Em Rosendahl, Z., Corrêa, R. L. (Comp.), *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Cosgrove, D. 1999. Geografia cultural do milênio. Em Rosendahl, Z. e Corrêa, R. L. (Comp.), *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Fentress, J. e Wickham, C. 1992. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema.
- Gomes, E. T. A. 2001. Natureza e cultura: representações na paisagem. Em Rosendahl, Z., Corrêa, R. L. (Comp.), *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Gomes, P. C. da C. 2002. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Haesbaert, R. 1997. *Des-territorialização e identidade*. Niterói: Eduff.
- Haesbaert, R. 2002. *Territórios alternativos*. Niterói: Eduff; São Paulo: Contexto.
- Haesbaert, R. 2004. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Halbwachs, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

- Holzer, W. 2000. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. *Revista Geographia* 3: 111-122.
- Jodelet, D. 1991. *Les représentations sociales*. Paris: PUF.
- Le Bossé, M. 2004. As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. Em Rosendahl, Z., Corrêa, R. L. (Comp.), *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Lefèbvre, H. 1995. *Lógica formal/Lógica dialética* (6ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lima, N. T. 1999. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ, UCAM.
- Massey, D. 2000. Um sentido global do lugar. Em Arantes, A. A. (Comp.), *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus.
- Medeiros, R. H. A. 1996. Apresentação e notas. Em Torres, T. L. (1859-1896), *O município da Vitória*. Vitória da Conquista: Museu regional de Vitória da Conquista, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
- Mendes, G. F. 2004. *Luzes do saber aos sertões: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista*. Vitória da Conquista: UESB.
- Moraes, A. C. R. de. 2002-2003. O Sertão: um “outro” geográfico. *Terra Brasilis*, Anos III – IV, 4-5: 11-23.
- Moraes, A. C. R. de. 2005. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil* (5ª edição). São Paulo: Annablume.
- Moreira, R. 2006. *Para onde vai o pensamento Geográfico?* São Paulo: Contexto.
- Moscovici, S. 1978. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Orlandi, E. P. 1993. Vão surgindo os sentidos: a formação do país e a construção da Identidade Nacional. Em Orlandi, E. P. (Comp.), *Discurso fundador*. Campinas: Pontes.
- Orlandi, E. P. 1996. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.
- Pollak, M. 1989. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos* 3.
- Pollak, M. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos* 5 10: 200-212.
- Rodrigues, M. de F. F. 2001. *Sertão no plural: da linguagem geográfica ao território da diferença*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Departamento de Geografia.
- Santos, M. 1994. O retorno do território. Em Santos, M., Souza, M. A., Silveira, M. (Comp.), *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, ANPUR.
- Santos, M. 1996. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. 1997. *Metamorfoses do espaço habitado* (5ª edição). São Paulo: Hucitec.
- Sousa, M. A. S. de. 2001. *A conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia*. Vitória da Conquista: UESB.
- Sousa Neto, M. F. de. 2000. A ciência geográfica e a construção do Brasil. *Terra Livre* 15: 9-20.
- Souza, M. L. de. 1995. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Em Castro, I. E. de, Gomes, P. C. da C., Corrêa, R. L. (Comp.), *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Souza, M. L. de. 2001. Território do outro, problemática do mesmo? O princípio da autonomia e a superação da dicotomia universalismo ético versus relativismo cultural. Em Rosendahl, Z., Corrêa, R. L. (Comp.), *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: UERJ.